



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

DE ATAULFO A FRANCISCO: A (R)EVOLUÇÃO FEMINISTA NA MÚSICA BRASILEIRA

Brena Lima da Siva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: brenalima252@gmail.com

Tânia Regina Braga Torreão Sá
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: taniatorreao68@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo refletir acerca do modo como evoluem as diferentes representações sobre o papel da mulher na sociedade brasileira ao longo de 74 anos, de 1942 até 2016. O tempo de 74 anos, nossa marcação temporal, é contabilizado a partir do lançamento da célebre canção *Ai que saudade de Amélia* (1942), composta por Mário Lago e imortalizada na voz de Aaulfo Alves, um clássico do cancionero nacional. Nosso limite temporal é de 74 anos, reiteramos, porque em 2016 o grupo paulista Francisco *el hombre*, lança a canção *Triste, Louca ou Má* evidenciando aspectos que dão relevo à mudança de paradigmas com relação às representações do feminino na sociedade contemporânea. Na letra da música, dois aspectos são destacados: a quebra de paradigma sobre as representações da mulher na sociedade brasileira e o empoderamento feminino.

Não obstante, o reconhecimento que as mulheres vêm construindo sob as condições que precipitam socialmente o seu empoderamento, quando colocamos sob espectro da análise esse feminino canonizado, de 1942 até 2016, percebemos que, a despeito de serem expressivas as conquistas das mulheres, tanto as ‘Amélias’ de Mário Lago quanto as ‘tristes, loucas ou más’ de Francisco *el hombre*, ainda que correspondendo a padrões hegemônicos de ‘terem sido tornadas mulheres’, encontram resistência em figuras que oferecem contraste ao padrão estabelecido. Assim, se em

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

Amélia podemos reconhecer a imagem correspondente da mulher ideal do século XX, a esse padrão heteronormativo e machista é oferecida oposição por outras mulheres que não correspondem às expectativas idealizadas pela maioria. Simone de Beauvoir (1808-1986), Marie Curie (1867-1934), Betty Friedan (1921-2006), Coco Chanel (1883-1971), Frida Kahlo (1907-1954), Virginia Woolf (1882-1941), Leila Diniz (1945-1972), só para citar alguns nomes.

E quanto as ‘tristes, loucas ou más’ de nossos dias, mulheres empoderadas de Francisco *el hombre*, quem lhe oferece oposição? Para respondermos a essa questão pensamos ser fundamental recorrer as estatísticas.

Segundo o *Relatório Diretrizes Nacionais Sobre Femicídio*, elaborado pela ONU Mulheres Brasil (2016) no país, a taxa de feminicídios é de 4,8 para cada 100 mil mulheres – a quinta maior no mundo, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). E esse número ainda é maior entre as mulheres negras. Em 2015, o Mapa da Violência sobre homicídios entre o público feminino revelou que, de 2003 a 2013, o número de assassinatos de mulheres negras cresceu 54%, passando de 1.864 para 2.875. Na mesma década, foi registrado um aumento de 190,9% na vitimização de negras, índice que resulta da relação entre as taxas de mortalidade branca e negra. Para o mesmo período, a quantidade anual de homicídios de mulheres brancas caiu 9,8%, saindo de 1.747 em 2003 para 1.576 em 2013. Do total de feminicídios registrados em 2013, 33,2% dos homicidas eram parceiros ou ex-parceiros das vítimas (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2016).

Nessa pesquisa, o que propomos discutir não é o reconhecimento de padrões de hegemonia, portanto, mas sim a existência de algumas ‘fissuras’ nesses padrões, fissuras estas que apontam resistência à normatização estabelecida sobre as representações do feminino.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

E
E. SANTANA



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

METODOLOGIA

Em vista do exame na/s letras das canções *Ai que saudade de Amélia* (1942) e *Triste, Louca ou Má* (2016), trabalharemos com a análise de conteúdo, esperando que os procedimentos analíticos adotados nos conduzam a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, que ajudem a entender melhor as contradições e o movimento da realidade que provocou ‘fissuras’ nos padrões normatizados sobre as representações do feminino, fissuras estas que apontam resistência ao que é estabelecido.

A fim de proceder as análises, essa pesquisa adotou as seguintes etapas: 1) Preparação das informações que implicou na leitura sistemática das letras das canções e codificação das mesmas; 2) Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades, isto implicando na releitura cuidadosa dos materiais com a finalidade de definir a unidade de análise, também denominadas enquanto “unidades de registro” ou “unidades de significados”. Depois disso, faz-se essencial isolar a unidade que foi identificada e por fim, contextualizar a sua presença dentro do texto; 3) Categorização ou classificação das unidades em categorias o que implicou na identificação de semelhanças ou analogias, segundo critérios previamente estabelecidos ou definidos no processo de análise das letras das canções; 4) Descrição. Uma vez definidas as categorias e identificado o material constituinte de cada uma das letras das canções, fez-se imperativo comunicar os resultados do trabalho, tal como fazemos agora; e 5) Interpretação que pretende ir além de atingir uma compreensão mais aprofundada do conteúdo das mensagens mas, testar as hipótese a ponto delas serem confirmadas ou refutadas em definitivo.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Compreendemos que a sociedade em que vivemos foi construída sobre os pilares do patriarcado. Desde a época colonial, o modelo patriarcal e misógino esteve à frente das estruturas de poder, permitindo que a maioria esmagadora da sociedade se tornasse o que é hoje. O ‘segundo sexo’ (BEAUVOIR, 1960), em vista das determinações da história

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

social, foi, nesse espectro, sendo

moldado, e a tal ponto a sociedade se convenceu da inferioridade feminina que uma maioria acabou por embarcar no discurso que naturalizou a submissão da mulher ao homem. O silenciamento que lhes era imposto, interpolado às limitações financeiras e sociais, calou muitas mulheres, mas não todas.

A eclosão do movimento de mulheres na luta por direitos, se dá inicialmente em meados do século XIX com as *suffragettes*, ativistas que lutaram pelo direito de concessão do voto às mulheres. Mais à frente, na década de 1970, o feminismo alcança maior popularidade, permitindo que parte da sociedade tomasse conhecimento sobre ele. Desde então, as mulheres vêm cada vez mais alcançando conquistas na sociedade e fazendo com que suas vozes sejam ouvidas.

A música é um importante elemento de propagação de ideologias, não há dúvidas quanto a isso (!), sendo por essa razão que não se pode limitar a sua ascendência apenas à sensibilização provocada pela auscultação de ritmo e som. As letras das canções são carregadas de ideologia, e ideologias acolhem compromissos com o “*Zeitgeist*”, isto é, com o espírito do tempo em que são divulgadas. “*Zeitgeist*”, espírito do tempo que mudou, mas que ainda conserva profundas contradições. São essas que nos interessa estudar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No século XX, graças à influência de teses que derivaram do evolucionismo e determinismo social, principalmente, foi estabelecido um modelo idealizado de representação do feminino que, segundo avaliamos, está ‘encarnado’ na imagem da ‘Amélia, a mulher de verdade’. Nos dias atuais a Amélia perdeu o sentido, porque a lógica sociometabólica do capital impõe uma outra representação, um outro lugar para as mulheres ocuparem. O *Zeitgeist*, espírito do tempo, mudou, mas como dissemos anteriormente, ele ainda conserva profundas contradições, que esse trabalho se propõe a estudar.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

PALAVRAS-CHAVE: Música Brasileira; Representação; Mulher; Empoderamento Feminino.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

MENDES, Rosana Maria e MISKULIN Rosana Giaretta Sguerra. **A análise de conteúdo como uma metodologia.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v47n165/1980-5314-cp-47-165-01044.pdf> . Acesso: 22 mai 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Relatório Diretrizes Nacionais Sobre Femicídio.** 2016. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes_femicidio_FINAL.pdf . Acesso: 24. mai 2019.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

E
E. SANTANA